

Museu fantasma



Desde 1994, o espaço foi inaugurado, transferido, reinaugurado. Entretanto, a festa dos índios pela reintegração do Memorial aos povos indígenas permaneceu no plano simbólico

O Memorial dos Povos Indígenas, construído em 1990, permanece desativado, apesar das sucessivas reinaugurações e promessas

PAULO PANIAGO

O espírito da floresta convocado pelo pajé Sapaim para proteger o Memorial dos Povos Indígenas há quase dez anos mantém o cerco ao prédio. Mesmo que o próprio Sapaim tenha feito nova pajelança para retirar o espírito *Mamaé Catuté* há dois anos, nada parece funcionar, e a maldição das águas persiste.

Os corredores vazios e ligeiramente empoeirados do Memorial associam a grandeza do projeto arquitetônico de Niemeyer e da destinação - um museu que exalte as grandezas das nações indígenas - com a realidade tosca dos espaços culturais relegados, que encontra reflexos na relação que o país mantém com os índios, abandonados à própria sorte.

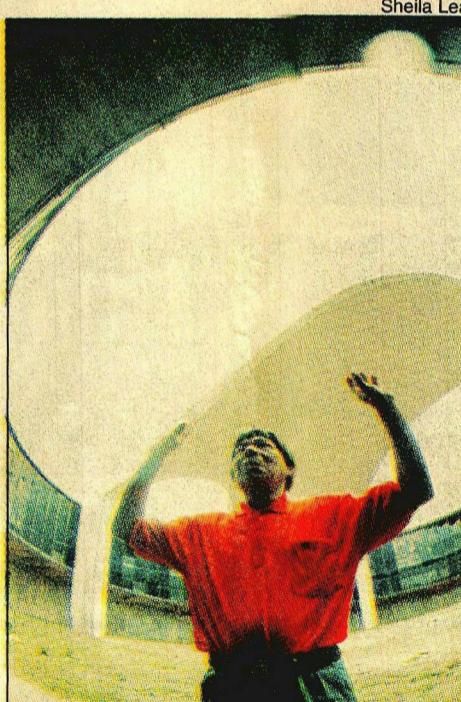
O prédio que deveria abrigar um acervo e debates em torno da problemática indígena continua abandonado, a despeito das tentativas de reformá-lo para que passe a funcionar regularmente. Os

espíritos da floresta, convocados para não permitir que o prédio tivesse outras destinações, não conseguem lidar com as burocracias do homem branco.

A responsável pela Coordenadoria de Museus da Secretaria de Cultura, Fátima de Deus, avisa que através da Lei do Mecenato conseguiu um investimento de R\$ 500 mil para a implantação do acervo doado por Berta e Darcy Ribeiro. Além disso, a própria Secretaria de Cultura investe R\$ 282 mil em reformas do prédio - impermeabilização, aclimatação, aumento da reserva técnica, construção da administração.

"A reforma começa em novembro e deve estar concluída em fevereiro", afirma. "No dia 19 de abril do próximo ano o acervo estará disponível ao público". O projeto inclui ainda biblioteca, videoteca, brinquedoteca com materiais indígenas e - ainda não confirmado, mas previsto - um banco de dados informatizado. Isso, se o espírito da floresta resolver retirar o cerco que vem mantendo no local.

Desenhado por Oscar Niemeyer em



O Cacique Sapaim convocou o espírito da floresta para cercar o Memorial e depois fez nova pajelança para retirar o espírito do prédio

1988 e construído com recursos do Banco do Brasil, o prédio, concluído, tornou-se Museu de Arte Contemporânea. Informações de bastidores asseguram que a própria D. Sarah Kubitschek fez gestões junto a Oscar Niemeyer, porque não lhe era confortável a proximidade de índios junto ao Memorial JK. O arquiteto mostrou-se favorável à idéia de Museu de Arte, mesmo que tenha pensado numa oca a fazer o desenho.

Como Museu de Arte Contemporânea ganhou inclusive uma escultura do artista Franz Weissman. Uma única exposição foi realizada e o Museu permaneceu fechado. A atividade que o Museu do Índio teve esse ano foi uma subtração: a escultura de Weissman foi transferida para um Parque de Esculturas que fica próximo ao Museu de Arte de Brasília.

Depois, no último dia do governo Roriz, o espaço foi cedido ao Instituto Histórico e Geográfico. A recuperação aconteceu depois de uma luta judicial. A administração é feita pela Coordenadoria de Museus da Secretaria de Cultura.

No dia 19 de abril de 1995, alguns meses depois de o governador Cristovam Buarque ter assumido, uma cerimônia chamada *Rito de Passagem* funcionou como uma reinauguração do Museu do Índio, devolvido portanto a quem de direito.

Mas o prédio continua fechado, sem exposições. Quatro funcionários trabalham regularmente no local: uma representante da Coordenadoria de Museus, um segurança e dois na limpeza.

Enquanto isso, o acervo doado por Darcy e Berta Ribeiro, mais de 382 peças colhidas ao longo de 50 anos de pesquisa sobre povos indígenas, permanece na Funbalé, no Anexo da Secretaria de Cultura, aguardando a sempre-anunciada e até agora não concluída reforma do Museu do Índio. As infiltrações que começam a reaparecer no teto do prédio abandonado reforçam a idéia de que a maldição espírito invocado pelo pajé Sapaim continua rondando o local.

Dez anos de desencontros

■ 1988 - O prédio é desenhado por Oscar Niemeyer, a pedido do governador José Aparecido, em forma de uma oca, na parte interior, circundada pelo espaço reservado às exposições - uma espiral larga.

■ 1990 - Quando o prédio estava sendo concluído, foi reformado para abrigar o Museu de Arte Contemporânea. A reforma aumentou a reserva técnica e acrescentou um auditório.

Inaugurado no dia 14 de março, último dia do governo José Sarney e da gestão de José Aparecido no MinC, já como Museu de Arte Moderna, com exposição do venezuelano Armando Reverón - a primeira e única. A curadoria era de Marcus Lontra, coordenador-geral do MAM-RJ.

O prédio logo apresentou problemas de infiltração e criou o mito da Maldição das Águas, lançada pelos índios para impedir outras destinações.

Os pajés Sapaim, Prepori e Raoni fazem uma pajelança para impedir que o prédio tenha outros fins.

O presidente Collor nomeia uma comissão, presidida pelo secretário-geral da Presidência, Marcos Coimbra, para estudar uma destinação ao Museu. A comissão não

se reúne.

■ 1994 - No último dia do seu mandato, o governador Joaquim Roriz assina a transferência do prédio para o Instituto Histórico e Geográfico, que ocupa as dependências do Museu. A concessão teria vigência por cinco anos.

■ 1995 - O novo governador Cristovam Buarque tem como projeto de governo devolver o Museu aos índios. Inicia-se uma briga judicial pela retomada.

No dia 19 de abril, com o nome de *Rito de Passagem*, o governador entrega o Museu do Índio, aos índios. Mas o ato é simbólico, o prédio necessita reformas que não se concluem.

Num artigo escrito especialmente para o *Jornal de Brasília*, o governador diz que "o Memorial dos Povos Indígenas vai mostrar aos brasilienses e a todos os turistas que aqui vierem, a história e o valor de nossos índios". Várias exposições (*Viva Yanomamis Vivos!*, *Xingu e Armadilhas Indígenas*) são inauguradas e ficam até o dia 5 de maio no Museu.

No dia 20 de abril o pajé Sapaim, sozinho, faz nova pajelança, dessa vez para retirar o espírito mau, *Mamaé Catuté* (a natureza

mais primitiva), que havia colocado para vigiar o prédio.

No dia 6 de novembro, o Encontro da Cultura Brasileira reserva uma parte de sua programação para o Museu do Índio. Representantes das tribos kuiukuru e karajá apresentaram um ritual esportivo, o hukahuka, e lutadores de sumô fizeram a purificação do local num ritual denominado shintô. A então Secretaria de Cultura, Maria Duarte, anuncia a conclusão das reformas para janeiro de 1996, e reinauguração com o acervo de Darcy e Berta Ribeiro, doado para o Memorial no início do ano.

■ 1996 - No dia 9 de agosto as atrizes Larissa Malty e Clarice Cardell apresentaram o espetáculo *Koikwa, Um Buraco no Céu*, no espaço aberto interno.

■ 1997 - A única movimentação no Memorial dos Povos Indígenas é a retirada da escultura de Franz Weissman da frente do Museu, transferida para o Parque de Esculturas ao lado do Museu de Arte de Brasília. O Memorial guarda em sua reserva técnica a exposição *Amazônia Urgente*, que pertence ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

